

Qualidades de um professor universitário: perfil e concepções de prática educativa

Qualities of a college professor: profile and conceptions of educational practice

*Gilma Maria Rios*¹

*Kelma Gomes Mendonça Ghelli*²

*Ludiana Martins Silveira*³

RESUMO

Este artigo, de cunho bibliográfico, procurou abordar uma breve caracterização do docente universitário, apresentando aspectos importantes da formação para a docência. Para tal estudo, fez-se necessário problematizar as principais características e qualidades do professor universitário que podem facilitar a criação de um clima favorável à aprendizagem profissional. Além do mais, também foi fundamental assinalar as concepções de prática educativa que podem contribuir para estimular ações criativas em salas de aula do ensino superior. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, em que utilizamos dados de estudos já realizados, que são importantes indicadores para alcançar os objetivos propostos. Nesse sentido, trouxemos à tona as principais qualidades do professor de hoje. Este estudo comprova a necessidade de se repensar a formação profissional do professor universitário e assim contribuir para uma formação de qualidade nos cursos de graduação.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Prática Pedagógica. Qualidades do bom professor.

¹Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (ImepacAraguari), MG. Brasil. E-mail: riosmaria@ig.com.br

²Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora titular, coordenadora de ensino, pós-graduação e extensão da Fundação Carmelitana Mário Palmério (Fucamp). Brasil. E-mail: gmgHELLI@netvip.com.br

³Mestranda em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Servidora do Poder Judiciário Federal em Ituiutaba/MG. E-mail: ludiana-martins@hotmail.com

ABSTRACT

This article, bibliographic nature, sought to address a brief characterization of the university teacher; presenting important aspects of training for teachers. For this study, it was necessary to discuss the main features and qualities of the university professor who can facilitate the creation of a climate conducive to professional learning. Moreover, noted the educational practice of concepts that can help to stimulate creative actions in higher education classroom. It is a qualitative research, we use data from studies already carried out, which are important indicators to achieve the proposed objectives. In this sense, we brought to light the main qualities of the teacher today. This study shows the need to rethink the training of university professor and thus contribute to quality training in undergraduate courses.

KEYWORDS: formation. Teaching Practice. Qualities of a good teacher.

* * *

Introdução

A análise da prática pedagógica do professor universitário em sua carreira profissional muito tem contribuído para os cursos de formação de professores no Brasil. Além de permitir uma reflexão sobre o aprimoramento da formação continuada, contribui para a construção de uma carreira de qualidade. Desse modo, ao desenvolvermos esta pesquisa, objetivamos conhecer e refletir sobre as principais qualidades do professor que podem facilitar a criação de um clima favorável à aprendizagem, visando assinalar práticas educativas que possam estimular ações criativas em salas de aula do ensino superior.

Assim sendo, a pesquisa se pautou em dois problemas básicos: 1. Quais são as principais qualidades do professor universitário que podem facilitar a criação de um clima favorável à aprendizagem? 2. Qual é a concepção de prática educativa que pode contribuir para estimular ações criativas em sala de aula?

O interesse por tal estudo se deve, principalmente, pela preocupação em contribuir com o aprimoramento da prática docente no curso superior,

pois acreditamos ser de extrema relevância o professor ter consciência dos saberes e competências do campo pedagógico, para que possa reforçar o seu conhecimento específico na tarefa de ensinar.

Sabemos que o tema tem sido uma preocupação constante nos cursos de formação de docentes e, também, objeto de estudos e pesquisas. A formação do docente universitário é uma problemática que requer muita discussão, pois trata de educadores que formarão profissionais para a sociedade. O bom professor precisa se atualizar sempre; portanto, a formação de bons profissionais para a educação superior se torna um fator indispensável para uma melhor aprendizagem.

De acordo com Pimenta e Anastasiou (2008, p. 178) a educação e a prática docente são formas de intervir e mudar a realidade social. É de papel fundamental a qualificação constante do professor para que ele seja realmente responsável por mudanças na área em que atua. Dessa forma, a qualidade da docência perpassa, entre outros indicadores, a capacitação, o desenvolvimento e a atualização pessoal do professor, considerando que ele é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto na formação exercida com o aluno (VASCONCELOS, 2000).

Percebemos, pois, que o ingresso na carreira docente universitária tem ocorrido sem qualquer preparo na área pedagógica e a capacitação docente em nível superior tem deixado lacunas em seus resultados. Nesse contexto, o nosso interesse por esta pesquisa se baseou em algumas reflexões a respeito da formação do bom professor universitário e quais características seriam importantes na construção desse profissional. Dessa forma, procuramos problematizar as principais qualidades do professor do ensino superior que podem facilitar a criação de um clima favorável à aprendizagem e, ainda, assinalar a prática educativa que pode contribuir para estimular ações criativas em sala de aula.

1 Qualidades do professor universitário: perfil profissional

Nas últimas décadas, a educação superior brasileira tem passado por profundas mudanças, ocasionando um aumento no número de vagas em instituições públicas e privadas e, por conseguinte, a exigência de pessoal no nível superior. Além do mais, em um contexto marcado pela globalização, pelas novas tecnologias da informação e pela economia competitiva e em alta, dilatam-se as exigências e buscam-se melhorias na forma de construção do conhecimento do futuro professor:

É nesse cenário de rápidas transformações que se situa o pensamento contemporâneo, possuidor de uma pluralidade de perfis e tendências, baseado num sistema sócio-econômico-global, o qual define a finalidade e a relevância da educação. E, nessas transformações, instala-se uma crise conceitual com relação às competências que o professor, em especial do Ensino Superior, deve possuir. (MALUSÁ; FELTRAN, 2003, p. 138).

Nesse contexto, o professor precisa repensar sua prática e, principalmente, organizar seus conteúdos, além de buscar uma sequência de ensino capaz de contribuir para o aprendizado, mostrando um conhecimento plural e significativo. O “bom” professor seria o que procura se adequar à realidade do estudante. É aquele que compreende que agora o docente também aprende com o estudante e que o espaço da sala de aula é um lugar de troca e não só de acúmulo de conhecimentos; é necessária a competência pedagógica.

De acordo com Zabalza (2004, p. 25), de um bem cultural, a universidade passou a ser um bem econômico. De um lugar reservado a uns poucos privilegiados se tornou um lugar destinado ao maior número possível de cidadãos. Assim, a instituição busca oferecer um serviço que consiste na melhor preparação e competitividade da força de trabalho. Dessa forma, a educação, ao ser vista como um bem social, torna-se um meio imprescindível para ofertar o ensino superior para todas as camadas sociais. No entanto, esse processo gerou alguns efeitos na atual situação, como a

chegada de alunos cada vez mais heterogêneos quanto à capacidade intelectual, preparação acadêmica, motivação e, até mesmo, expectativas profissionais e de vida. Segundo Charlot (2007, p. 90)

Ensina-se um saber, forma-se um indivíduo. A ideia de ensino implica um saber e transmitir, quaisquer que sejam as modalidades de transmissão, que podem ser magistrais ou passar por processos de construção “de apropriação” (grifo do autor).

Essa heterogeneidade é tão marcante nos dias atuais que a ideia de formação procura desenvolver um currículo com competências que tornem o docente apto a realizar práticas de acordo com cada situação. O sujeito é capaz de utilizar as competências necessárias para atingir a sua finalidade.

Ainda segundo Zabalza(2004, p. 93), “formar é preparar para o exercício de práticas direcionadas e contextualizadas nas quais o saber só adquire sentido com referência ao objetivo perseguido”.

Dessa forma, a formação se distingue do ensino, mas implica aquisição de saberes. As instituições precisam perceber que as práticas pedagógicas têm impacto nos resultados reais e estabelecer uma relação saudável com os professores para promover o avanço. Muitos profissionais acreditavam que para ensinar no contexto universitário seria necessário apenas o domínio dos conhecimentos específicos da área. Assim, as universidades vêm recebendo, constantemente, um número significativo de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento e, esses, mesmo possuindo experiência e anos de estudo nas áreas específicas, não possuem preparo e têm até um desconhecimento técnico e científico do processo de ensino e aprendizagem.

Proporcionando discussões frequentes sobre qual é o perfil de um bom professor universitário e quais competências desenvolver na sua formação, ao analisarmos a temática, percebemos a escassez de trabalhos que tratam

do assunto. Daí surgiu a necessidade de realizar um estudo, especificamente sobre o ensino superior e a formação docente:

O ser profissional-professor, hoje, exige muito além do que apenas o domínio do conteúdo específico a ser trabalhado. Falamos hoje de economia, de redefinições de espaço, de novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs). (MALUSÁ; FELTRAN, 2003, p. 147)

Na realidade, referimo-nos hoje a novas concepções, novas formas de interpretar a realidade e, principalmente, novas formas de agir. Percebemos que o ensino não para de se modificar e, com ele, muda a imagem do professor. A própria dinâmica do saber exige, cada vez mais, uma postura diferenciada do docente e a escola precisa buscar uma nova filosofia para atrair o aluno e fazer com que o aprender seja significativo para ele. Porém, também é imprescindível a sensibilização para as dificuldades do ensino e a valorização institucional dessa atividade. De acordo com Neves (2002, p. 2):

A escola é o espaço social que tem como função específica possibilitar aos educandos a aquisição de conhecimentos científicos, filosóficos, matemáticos, etc., sistematizados ao longo da história da humanidade, bem como estimular a produção de um novo saber, que possa ajudar na luta por mudanças nas injustas relações sociais presentes em nossa sociedade. Por isso, faz-se necessária a compreensão dos problemas que permeiam a prática docente hoje, com a intenção de separá-los.

Nesse contexto, é importante que o nosso trabalho tenha como objetivo estabelecer uma boa interação entre professor e aluno, tornando o conhecimento algo prazeroso e necessário. A nossa prática precisa entusiasmar o aluno, motivando-o a querer aprender cada vez mais! É o nosso envolvimento com a ação pedagógica que poderá atrair e despertar uma consciência crítica e cidadã no aluno.

O reencantamento da educação requer a união entre sensibilidade social e eficiência pedagógica. Portanto, o compromisso ético-político do(a) educador(a) deve manifestar-se primordialmente na excelência pedagógica e na colaboração para um clima esperançador no próprio contexto escolar. (ASSMANN, 1995, p. 34)

Desse modo, o compromisso ético-político do educador deve trazer esperança para o contexto escolar. Com sua prática, o docente precisa encantar e sensibilizar o aluno.

Faz-se necessário refletirmos sobre as qualidades que um bom professor deve possuir. Primeiramente, pensamos nos professores que, para nós, foram significativos, deixando suas marcas não só no conhecimento, mas principalmente, na ética e na postura; os verdadeiros educadores. Em nossa jornada, muitas qualidades e/ou características podem ser apresentadas, como a competência e a seriedade no exercício da profissão. Muitos aspectos podem ser citados, mas ainda percebemos que um professor sério, dedicado e competente conduz com firmeza o trabalho pedagógico. Não obstante, na atual conjuntura, o bom professor ainda prioriza a transmissão e exposição de conteúdos significativos, que possam ser assimilados pelos alunos.

Além do mais, é necessário que o professor esteja por dentro do que se passa na sociedade e se mantenha atualizado em outros campos do conhecimento, não apenas nos conteúdos da disciplina que ministra. Ele precisa ter uma visão social, cultural, política e econômica coerente com suas práticas e discursos, principalmente na forma como ele interpreta, explica e justifica a realidade, para que possa refleti-la no exercício do magistério.

Zabalza (2004, p. 123) argumentou ainda: o que nos torna bons professores, ensinar bem ou formar bons alunos? Estamos novamente diante de uma das preocupações centrais dos professores. Qual o alcance do nosso trabalho? Onde termina nossa responsabilidade e começa a dos alunos?

Observa-se que a maioria dos professores não assume uma responsabilidade profissional de fazer com que os alunos realmente aprendam. Dizem que ensinar bem seria buscar o domínio específico dos conteúdos da área e saber explicar e explorá-los para os alunos de forma clara e objetiva, não se preocupando com a aprendizagem deles. Mas para os alunos do ensino superior, como se caracteriza um bom docente universitário?

O aluno do ensino superior ingressa na faculdade com grande conhecimento das áreas tecnológicas e de informática, é um cidadão crítico e participativo dos acontecimentos da atualidade:

[...] vivemos num tempo de mutações vertiginosas produzidas pela globalização, sociedade de consumo, sociedade de informação e uma “nova” rearticulação do sistema do capitalismo, sob a roupagem do neoliberalismo, entendido, também, em suas dimensões política, teórica e pedagógica. (SANTOS, 2004, p. 276)

Para atender às demandas atuais os professores do ensino superior precisam, em sua totalidade, dominar alguns aspectos básicos que, segundo Masetto(2008),deverão permear a prática docente, ou seja,

Um bom professor é aquele que apresenta competência de explicar o conteúdo de forma clara e objetiva e é caracterizado por um alto nível de conhecimento, habilidade de organizar o conteúdo, capacidade de motivar os alunos, competência para avaliar e repensar sua prática, focada na aprendizagem do aluno (RODRIGUES,2006,p. 165).

Assim, os professores:

criam espaços próprios para reflexão sobre suas experiências avaliativas, e, principalmente, conseguem ressignificar a avaliação, mudando

concepções e práticas que promovam o sucesso e não o fracasso escolar (RODRIGUES,2006, p. 165).

Esse professor deverá ser ético e crítico, a fim de perceber as mudanças e ter capacidade de compreendê-las e de se adaptar a elas de forma reflexiva.As aulas deverão ser dinâmicas para que os alunos interajam, com base em leituras, reflexões e debates bem coordenados pelo professor. Esse professor deverá demonstrar valores como:

[...] visão interdisciplinar dos problemas; necessidade de formação contínua, sensibilidade em relação às pessoas envolvidas e aos efeitos das intervenções profissionais, importância de não se limitar a uma só perspectiva ou fonte, mas buscar diversificá-las; necessidade de manter uma certa mentalidade cética e inquisitiva sobre tudo; importância da pessoa e da documentação, etc. Sob o ponto de vista da metodologia de trabalho, poderíamos encontrar igualmente muitas outras aprendizagens formativas, trabalho em grupo e colaboração, abordagem em profundidade dos temas, combinação entre teoria e prática, uso de novas tecnologias, planejamento e avaliação do próprio trabalho, etc. (ZABALZA, 2004, p. 116)

Aponderação de um “bom professor” também está ligada a uma situação histórica dada, com implicações sociológicas, culturais e políticas manifestadas na sua forma de ser como pessoa e profissional, incorrendo em valor. Conforme Heller (1989), o valor é uma categoria ontológica-social dependente das atividades dos seres humanos, sendo resultado e expressão de relações e situações sociais.

O conceito de “bom” também possui múltiplos vieses. No entanto, para o senso comum, cotidiano, no qual se apoiam os valores dos alunos, o “bom” corresponde ao correto, ao eficiente, à satisfação, ao apropriado. Assim, a qualidade de “ser bom”, implica em uma série de fatores que estão ligados à competência, à proficiência, à habilidade etc. Aquele que é considerado

“bom”, relaciona-se à sua capacidade docente com natureza e função educativa. Ser bom é negar o mau, o deficiente, o incompetente etc.

O bom professor deverá também ter uma formação baseada na flexibilização da formação, segundo o ideário neoliberal.

[...] o profissional deve ser flexível e apto à responder às rápidas mudanças do setor produtivo e suprir suas necessidades; assim como deve ser portador de características pessoais e sociais que lhe permitam se adequar à flexibilização da organização do mercado de trabalho. (SILVA, 2008, p. 185).

Assim sendo, o bom docente universitário é aquele capaz de articular o currículo com a teoria, a ética, a competência, a habilidade de se relacionar com os alunos, com o mundo à sua volta e demonstrar também ser capaz para formar os seus membros como cidadãos (seres humanos e sociais) e profissionais competentes. Desse modo, mostrou o autor:

Partimos do princípio de que as instituições de ensino superior, como instituições educativas, são parcialmente responsáveis pela formação de seus membros como cidadãos (seres humanos e sociais) e profissionais competentes. (MASETTO, 1998, p. 13).

Por fim, o bom professor é caracterizado pelo dinamismo, compromisso, domínio do conteúdo e das técnicas de ensino e aprendizagem e, sobretudo, deverá ser comprometido com o resultado final de seu trabalho: o aprendizado do aluno.

2 Professor universitário: concepções e prática educativa

No Brasil, como já frisamos, a docência no ensino superior ainda é pouco pesquisada e necessita de novas fontes de análise que possibilitem a criação de novos referenciais em relação à profissionalização do professor

universitário, sua formação acadêmica e a real influência que ele exerce na formação de seus alunos, pois

O conhecimento é vivo, não linear, é movimento e, por isso, imprevisível e incerto. Precisa ser feito e reconfigurado. A conjugação de diferentes variáveis constrói o conhecimento vivo. Essa conjugação de variáveis, diferentes para cada momento, participante ou território – sala de aula, laboratório, campo da prática –, é feita e refeita a cada nova necessidade, problema ou interesse. Não há certezas ou absolutos ou verdades que não possam ser submetidas à reflexão, à dúvida. Questionar, saber formular perguntas faz parte do esclarecimento. Por isso, também não se admite a existência de uma única metodologia do ensino, de uma receita para bem ensinar. É preciso construir e reconstruir cada prática pedagógica. Ela sempre será nova a cada conjugação de variáveis, mesmo respeitando-se a epistemologia do campo de conhecimento de cada carreira profissional. A incerteza reside em duvidar das certezas tidas como verdades, em pensar e re-significar o conhecimento em cada uma de todas as relações possíveis (LEITE, 2001, p.103).

Nesse sentido, é importante relacionar a formação contínua feita pelo professor universitário e a maneira pela qual seus alunos percebem sua prática em sala de aula como formador de profissionais.

O que é ser professor? Quais práticas e formações são necessárias? Sabemos que na educação básica se exige a formação específica em cursos de licenciatura (formação de professores), mas nos bacharelados não há essa exigência. Sabemos que, assim como não é permitido exercer a profissão de um médico ou advogado sem ter adquirido formação profissional específica, um professor não deveria lecionar sem a formação básica para a atividade docente. Além disso, se o trabalho do professor é considerado uma profissão como as demais, é preciso repensar essa questão, visto que ser docente é exercer uma atividade profissional que deve estar de acordo com a prática pedagógica.

Entendemos que a formação pedagógica do professor universitário se constitui em um processo de extrema importância, pois é por meio dela que o docente se qualifica para o exercício do magistério. Por outro lado, não existe no Brasil um programa que realmente estimule a formação pedagógica dos professores universitários. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (DEPUTADOS, 1996), em seu art. 66 expôs que: “A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado”. Dessa forma, oferecê-los ou não fica por conta de cada instituição.

Pachane (2005) informou que essa situação de desprestígio à formação pedagógica do professor universitário ocorre não só no Brasil, mas também em outros países, como a Espanha e os Estados Unidos. O autor enfatizou a necessidade de que tal situação seja mudada e que se dê maior atenção a esse tema. Diante disso, é importante refletir sobre como reverter esse quadro para que haja valorização do ensino e da formação pedagógica na universidade.

Nos últimos anos, muitas críticas e discussões têm sido feitas nos cursos superiores a respeito da falta de metodologia e didática dos professores universitários que chegam às universidades e faculdades. Ao mesmo tempo em que se discute a questão da formação desses professores, cada vez mais os instrumentos de avaliação do Ministério da Educação (MEC) exigem que os professores obtenham a titulação de mestres e doutores; sendo esse um critério para autorização e/ou reconhecimento dos cursos (superiores). Porém, será que a titulação realmente tem contribuído efetivamente para a melhoria da qualidade dos cursos superiores e da própria didática em sala de aula?

De acordo com Pachane (2005, p.14), “é questionável se esta titulação, do modo como vem sendo realizada, possa contribuir efetivamente para a melhoria da qualidade didática do ensino superior”. Segundo a autora, a formação está restrita ao conhecimento aprofundado, o

conhecimento prático decorre do exercício profissional e o conhecimento teórico provém do exercício acadêmico.

Em termos pedagógicos, pouco tem sido exigido. Cunha expôs que:

Os professores universitários afirmam que aprendem fazendo, já que na maioria dos casos, não vivenciaram processos de formação específica para a docência. Reconhecem a necessidade de múltiplos saberes para o exercício da profissão, mas ao mesmo tempo não assumem a falta de formação inicial para o magistério. Diante, pois da fragilidade dos saberes e competências no campo pedagógico continuam a reforçar o conhecimento específico em suas aulas.(CUNHA, 2006, p.262).

Percebe-se que a preocupação na condução de pesquisas e a produção acadêmica dos professores tem sido uma prática que concorre como uma atividade maior do que a tarefa de ensinar. No entanto, Pimenta e Anastasiou (2008) afirmaram que ser um reconhecido pesquisador, produzindo aspectos significativos para os quadros teóricos existentes, não é garantia de excelência no desempenho pedagógico.

Este artigo busca apresentar ainda a dimensão didático-pedagógica da docência no ensino superior, abordando o aspecto qualitativo da avaliação que o aluno faz de seus docentes em relação ao preparo profissional para a docência, bem como exercício dela em relação à formação que se está realizando. O aluno vivencia e percebe muitos aspectos que compõem sua formação durante o desenvolvimento das aulas nas disciplinas. Além do mais, os professores exercem uma influência profissional sobre eles durante o curso.

Tais desafios têm sido requisitados e isso tem gerado uma mudança das necessidades do perfil ou das características dos professores universitários em relação a sua atuação profissional. A qualificação deles é de extrema importância para o exercício de docência, pois se espera, cada vez mais, um envolvimento maior na sala de aula.

Além disso, é importante perceber que sua formação e atuação requerem uma ação e visão interdisciplinar. Isso mostra uma nova visão de desempenho ensino superior, que supera a concepção de sua atuação apenas como transmissor de conhecimentos e se volta para a formação de um novo perfil profissional.

Conforme os estudos sobre a formação docente, é imprescindível o conhecimento das relações que estruturam tal formação, considerando o professor como sujeito inserido em um debate para além do campo de sua atuação. Esse aprendizado está para além das atualizações científicas, didáticas ou pedagógicas do trabalho docente, supõe-se uma prática cuja base é demarcada na teoria e na reflexão sobre ela, para que ocorram mudanças e transformações no contexto escolar. Desse modo:

O conhecimento profissional consolidado mediante a formação permanente apoia-se tanto na aquisição de conhecimentos teóricos e de competências de processamento da informação, análise e reflexão crítica em, sobre e durante a ação, o diagnóstico, a decisão racional, a avaliação de processos e a reformulação de projetos. (IMBERNÓN, 2010, p.75).

O professor, como sujeito do contexto educativo cujas ações são tomadas de maneira intencional, é preparado em conformidade com os objetivos e interesses postos pela sociedade, que exige as práticas das quais esses professores serão portadores. A transformação da realidade se dá por maior das ações docentes na educação, manifestando-se e modificando o que acontece a sua volta. Porém, ao serem moldados conforme os interesses do mundo do trabalho e do capital, sua prática em pouco tempo se torna obsoleta, pois os interesses capitalistas se renovam constantemente, dificultando um clima favorável à aprendizagem em salas de aula do ensino superior.

Nesse sentido, é importante relacionar a formação contínua feita pelo professor universitário e de que modo seus alunos percebem sua prática pedagógica em sala de aula como formador de profissionais.

No ensino superior, os acadêmicos possuem características diferenciadas dos alunos de ensino fundamental e médio. Ao ingressarem nesse nível, estes já possuem, de alguma forma, as definições acerca de sua futura atividade profissional e, com sua condição de liberdade de escolha do curso e da profissão, tornam-se indivíduos mais críticos, exigindo uma maior responsabilidade em sua formação. Quanto ao acadêmico, percebe-se que ele possui uma expectativa sobre seu curso e sua formação, que pode ser analisada pelo currículo do curso, bem como pelos docentes que ministram as disciplinas. Portanto, a docência no ensino superior também passa pela participação do acadêmico.

A grande problemática do ensino superior é que os docentes acabam não assumindo sua identidade. Tornam-se professores e buscam uma complementação salarial. Geralmente se identificam por meio de sua área de atuação e não como professor do curso que leciona. Será que esse profissional pode contribuir para a formação de alguém, se ele mesmo não tem uma identidade da profissão professor?

Nesse sentido, é preciso pensar em uma formação de futuros profissionais em uma concepção mais humanística e menos tecnicista.

Nesse caso, Benedito et al (1995, p.131) destacaram que “o professor universitário, aprende sê-lo passando por um processo de socialização que seria a parte intuitiva, ou por outro lado seria seguindo a rotina dos outros”. Isso se deve à falta de formação específica para professores universitários e, assim, o docente usa a própria experiência de aluno e as vivências do seu tempo escolar para trabalhar na sala de aula.

Embora tenha um grande conhecimento teórico, falta-lhes a prática, a metodologia e a didática. Percebemos, pois, que esses profissionais recém-formados exercem a docência, mas não têm nenhuma habilitação para ensinar. Desde a sua formação universitária, as disciplinas que trabalham o

método, a metodologia, o sistema de avaliação, o projeto pedagógico e o planejamento não aparecem no currículo do bacharelado e, ao mesmo tempo, o professor universitário vive sob forte pressão por parte da legislação e da universidade. Desse modo, a formação passa a ter papel de destaque na construção da identidade desse profissional.

Nesse contexto, as instituições de ensino superior têm como responsabilidade buscar professores que sejam titulados, que possam contribuir com sua prática profissional para a qualidade do curso, mas, em especial, oferecer-lhes uma preparação pedagógica para atuação em sala de aula – com cursos na área de docência – e envolvê-los nela, pois é importante que o docente compreenda que o ensino superior exige não apenas o domínio de conhecimentos específicos a serem transmitidos, mas uma didática e metodologia adequadas para o exercício profissional.

Para Masetto (1998, p. 32), didática é “o estudo do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e de seus resultados”, então podemos afirmar que ela surge quando os professores começam a intervir na atividade de aprendizagem das crianças e jovens por meio da direção determinada e planejada do ensino.

Dessa forma, a docência no ensino superior necessita ser constantemente revisitada, visando à reinvenção das nossas práticas. Assim, um dos grandes desafios é a necessidade do docente universitário ter uma formação adequada para que ele possa responder satisfatoriamente às demandas da atualidade. Além de dominar o conteúdo que ensina, as técnicas didático-pedagógicas, saber dosar o conteúdo, avaliar e refletir sobre sua prática, ele precisa estar constantemente lendo e pesquisando, a fim de produzir o saber. O professor universitário precisa desenvolver competências específicas, pessoais e profissionais para atender às exigências da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Além disso, a universidade necessita reelaborar a percepção de que uma de suas atribuições, no sentido mais amplo, é contribuir para a preparação das novas gerações que irão conduzir o país, a sociedade, a

educação, o que vai além do papel de preparar novos e inovadores profissionais para o mercado (DEMO, 2008).

Não só a universidade, mas toda a sociedade precisa passar por uma ruptura dos sentidos que são hegemônicos; por exemplo, a sociedade considera o “bom” professor aquele que sabe muito, reproduz o pensamento burguês de participação social e cordato com os mandos e desmandos dos seus superiores.

Por isso, é necessário um professor transformador, que mude o foco do ensinar e passe a se preocupar com o aprender, principalmente com o “aprender a aprender”; que abra caminhos coletivos de busca que subsidiem a produção do conhecimento de seus estudantes, auxiliando-os a ultrapassarem o papel passivo de repetir ensinamentos e a se tornarem críticos e criativos; que vá além e preencha a necessidade de um professor capaz de trabalhar em equipe, que seja apto a integrar grupos de pesquisa com profissionais de diferentes áreas, participar de projetos multidisciplinares e que aceite o desafio da interdisciplinaridade.

Considerações finais

Acreditamos que a valorização do ensino e da formação pedagógica do professor universitário exigirá, em um primeiro momento, a interação do modo como as questões pedagógicas são entendidas e tratadas na faculdade, suprimindo assim a crença de que para ser bom professor, basta conhecer bem e transmitir com clareza os conteúdos ou mesmo, no exercício do ensino superior, ser bom pesquisador.

Apesar da profissão escolhida não ser muito reconhecida e bem remunerada, o indivíduo que optou por tal caminho precisa se cercar de estratégias para conseguir a confiança, o carinho e a atenção de seus alunos. Independentemente de materiais sofisticados e estruturas muito caras, ele deve atingir um único objetivo: a aprendizagem do aluno que depende de uma boa condução.

Dessa maneira, o profissional estando seguro do que quer e do que pode oferecer e colocando suas ideias e métodos de ensino pode favorecer a si mesmo e as outras pessoas que precisam do seu trabalho, que terão, assim, qualidade, evitando o desgaste apresentado por essa profissão.

Percebe-se a falta de formação específica para professores universitários e que, assim, o professor acaba copiando a própria experiência vivida como aluno em seu tempo escolar para trabalhar em sala de aula.

Para tanto, o docente carece de uma formação adequada, pois além de dominar o conteúdo que ensina, as técnicas de ensino, saber dosar o conteúdo e avaliar, o professor universitário precisa desenvolver competências específicas e profissionais para que possa atender às exigências institucionais e desenvolver bem a sua atividade de docência e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Com relação ao primeiro e ao segundo problema de nossa pesquisa, foi possível concluir que é necessário que o professor esteja atualizado em outras áreas e não apenas nos conteúdos específicos que ministra, ou seja, precisa ter uma visão social, cultural, política e econômica. Além do mais, que saiba explicar o conteúdo de forma clara e objetiva, bem como buscar uma organização e sequência de ensino focada na aprendizagem do aluno. Tudo isso com uma visão interdisciplinar e uma boa formação, capaz de articular o currículo com a teoria, a ética, a competência e o bom relacionamento com os alunos.

Para finalizar, fica claro que não existe uma formação específica como professor universitário. A sua construção e formação são iniciativas de um processo de qualificação contínua. A formação se torna um desafio que tem gerado uma mudança do perfil e das qualidades dos professores universitários em relação à sua formação e atuação profissional. Assim, a qualificação é primordial para o exercício da docência e, cada vez mais, exige-se uma visão interdisciplinar e uma nova perspectiva do professor universitário.

Para tanto, o professor que deseja melhorar sua capacidade profissional e didática de ensino, além da reflexão e constante atualização do conteúdo a ser ministrado, precisa viver em uma situação contínua e permanente de aprendizagem e estudos.

Referências

- ABREU, M. C. T. Azevedo de. *O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos*. São Paulo: Cortez, 1980.
- ASSMANN, H. *Reencantar a educação rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BENEDITO, V. et al. *La Formacion universitaria a debate*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1995.
- CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. 20. ed. Campinas: Papyrus, 2006.
- _____. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n.32, p. 258-371, maio/ago. 2006.
- CHARLOT, B. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEMO, P. *Metodologia para quem quer aprender*. São Paulo: Atlas, 2008.
- DEPUTADOS, Câmara dos. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. 1996. 5ª Edição. Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/midia/arquivos/2013/abr/proavi---lei-n-93941996.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona (Espanha): Península, 1989.
- IMBERNÓN, F. *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MASETTO, M. T. *Docência na Universidade*. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1998.
- LEITE, D. Conhecimento social na sala de aula universitária e a auto formação docente. In: MOROSINI, M. Costa (Org.). *Professor do Ensino Superior: identidade, docência e formação*. Brasília (DF): Plano, 2001.
- MALUSÁ, S. FELTRAN, R. C. F. *A prática da docência universitária*. São Paulo: Factash, 2003.

- NEVES, A. de A. *O desafio de ensinar*. Primeira Versão, Porto Velho, v. IV, ano II, n. 62, ago.2002.
- PACHANE, G. G. Teoria e prática na formação pedagógica do professor universitário: elementos para discussão. *PublicatioUEPG*, Ponta Grossa, v.13, n.1, p.13-24, 2005.
- PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2008.
- RODRIGUES, M. A. P. *Análise de práticas e de necessidades de formação*. Lisboa: Colibri, 2006.
- RODRIGUES, Maria E. F. *Resgatando espaços e construindo ideias*: ForGrad, 1997 a 2002. Rio de Janeiro: Eduff, 2002.
- SILVA, D. S. da. *Formação de professores da educação superior de cursos de graduação na área de saúde*. 2008. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade católica de Brasília, Brasília, 2008.
- SILVA, M. P. *Docência universitária no curso de enfermagem: formação profissional, processo de ensino aprendizagem, saberes docentes e relações interpessoais relacionadas com o Princípio da Integralidade*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <http://www.btdtd.ufu.br/tde_arquivos/9/TDE-2014-10-22T143255Z-4527/Publico/DocenciaUniversitariaCurso.pdf>. Acesso em: 20 dez.2014.
- VASCONCELOS, M. L.M. Carvalho. *A formação dos professores do ensino superior*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.
- ZABALZA, M. A. *Os professores universitários: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido em outubro de 2015.

Aprovado em fevereiro de 2016.